

---

**O Espetáculo da Mulher Negra Nua na Televisão  
Um estudo de caso sobre a Globeleza**

**The Naked Black Woman Show on Television  
A case study on Globeleza**

Jessyka Camila Faustino dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo principal a discussão da desconstrução da identidade da mulher negra no Brasil e como este movimento violento e racista foi amparada pela mídia ao longo dos anos, se concretizando nos dias atuais na mulata Globeleza. O trabalho apresenta um recorte histórico sobre os processos violentos pelos quais a mulher negra passou desde a escravidão até os dias atuais, feito através de pesquisa bibliográfica e de imagens de revistas, jornais, programas de televisão e artes visuais.

**Palavras-chave**

Mulher negra; Mulata; Globeleza; Mídia; Jornalismo;

**Abstract**

The present study focuses mainly on the discussion of the deconstruction of the Black woman's identity in Brazil, this movement became after years of being supported by media, becoming concrete in the current days through Globeleza. The study presents a historical framework that depicts the violence black women went through since slavery until today, based on bibliographic research and pictures found on magazines, newspapers, TV shows and artwork.

**Keywords**

Black woman; Mulatto Woman; Globeleza; Media; Journalism.

**Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Email: jessykacamilla@gmail.com

Verifica-se que, desde seu desembarque nas terras que chamamos de Brasil, a mulher negra sofre um constante apagamento de sua identidade, seus valores culturais e estéticos por parte do colonizador, que impõe seus valores europeus e brancos, por considera-los superiores aos dos escravos. Segundo Pinho (2004, p.104), a formação do dito povo brasileiro foi marcada pela posse dos corpos racializados, a sexualidade, a mestiçagem e a racialização parecem caminhar juntas, formando a identidade nacional como uma “estrutura da conjuntura”, marcada pelo abuso e pela reificação subordinante da alteridade, ao mesmo tempo como objeto de desejo e de controle social. Assim, era criado uma forma discursiva e descritiva do povo que confundia e atravessava imaginários, dando forma e conteúdo concretos a relações de poder, assim como a criação de sujeitos, objetos e normas e regras que ditam o convívio entre estes.

O objetivo deste artigo é, através da observação dos papéis reservados para a mulher negra no meio de entretenimento televisivo, analisar os reforços de estereótipos que estes papéis representam. Para tratar do assunto, vamos nos restringir a pesquisas bibliográficas sobre as construções da imagem da mulher negra e um dos personagens que exemplificam essa construção: a Globeleza.

### **A construção do discurso midiático sobre a mulher negra**

As desconstruções da imagem da mulher negra nos espaços midiáticos no Brasil se dão nas mais variadas maneiras em que possa se ampliar o racismo sem explicitar ódio. Num país construído sob diferenças socioeconômicas gritantes, onde o reconhecimento de si mesmo e dos bens da cultura são restritos apenas para uma parcela da população, a mídia brasileira, ao longo do tempo, tem se especializado em divulgar essa mulher nos papéis sociais mais estereotipados existentes, um dos principais é o da figura da mulata nua rebolando.

Sobre este aspecto, Santos; Silva (p. 4, 2016), exemplificam uma dessas facetas:

No que tange a televisão, esta também acarreta discursos racistas, se pararmos para analisarmos, quem é que faz propaganda do carro do ano? Em sua maioria, os apresentadores dos jornais televisivos são brancos ou negros? E as novelas, que papéis as mulheres negras exercem?

---

Desta forma, não podemos deixar de pensar de que a mídia exerce funções sociais básicas como a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos. Cumprindo essas funções e agendamentos sociais a mesma perpetua formas de construção de pensamento e ação, quadros simbólicos ampliados e aceitos socialmente graças aos processos de imitações e repetições de estereótipos.

Segundo Farias; Fernandes (2007, p. 6):

A cultura da mídia oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, ela nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o "Outro", o diferente do que somos.

No Brasil, a televisão segue sendo o meio de comunicação de massa mais utilizado por 77% da população, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, esse público é formado majoritariamente por pessoas entre 18 e 44 anos, 30% dessas com ensino fundamental incompleto, que passam de 60 a 120 minutos na frente da televisão por dia e o fazem todos os dias da semana.

Assim, o papel desempenhado pela televisão não é apenas o de narrativa do real, mas o de construção do real, do que é aceito na vida cotidiana e senso comum do telespectador. Sendo essa construção amparada nitidamente por processos de controle político da realidade, processos de poder. Afinal, segundo Barbosa; Silva (2009, p. 52), "o exercício do poder simbólico é, em parte, responsável por afirmar estereótipos e hierarquizar grupos sociais, além de influenciar na formação ou deformação de identidades".

Principalmente nos programas de auditório da televisão aberta brasileira, que segundo Krasnievicz; Aita (2009, p2), primam pelas sensações sobre a consciência, pela emoção sobre o raciocínio. E explicam que enquanto a mídia ridiculariza as situações cotidianas de pessoas comuns, a sociedade assiste a sua exploração como se fosse natural. Em programas como Caldeirão do Huck e Domingão do Faustão da Rede Globo e A Hora do Faro da Rede Record, não é incomum encontrarmos dançarinas, quase sempre negras, seminuas fazendo o papel de

---

assistentes de palco. E por fim, são aprisionadas a um novo tipo de violência que fica internalizada na memória social: o espetáculo da mulher negra seminua nos meios de mídia de massa.

Estas começaram a fazer sucesso por volta de 1960 com as Chacretes, antigas dançarinas dos programas de auditório de Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Como explica Bispo (2015, P. 237) essas dançarinas em sua maioria são mulheres que vem de camadas populares da sociedade que viam na dança uma primeira oportunidade de trabalho. Assim, em programas de todos os horários e para os mais diversos públicos, mulheres seminuas se encaixam mais uma vez no perfil designados para as mulatas enquanto encenam o papel de auxiliar os apresentadores, que em sua maioria esmagadora são pessoas brancas, e entreter o público desses programas.

Esses espaços se ampliam em datas comemorativas como o carnaval, período vendido como símbolo do Brasil, onde os corpos das negras são vistos na mídia mais uma vez como espetáculo e surge o que segundo Corrêa (1996, p. 40), seria a última e mais atual encarnação da mulata: a Globeleza.

### **A mulata símbolo nacional: Globeleza**

Em 1993, nasce a primeira Globeleza, estrelada por Vanessa Valenssa para ser o símbolo da vinheta da transmissão de carnaval da Rede Globo, seu reinado durou por 13 anos nas telinhas. Segundo Gomes (2010, p. 55), "se ser mulata já era uma construção discursiva e performática, é agora uma construção disciplinada nas relações saber-poder". Monique (2016), define a Globeleza como apenas um corpo que samba, faz sexo e nada mais ao salientar alguns aspectos de sua apresentação onde é exaltado apenas seu corpo, sua sensualidade e sua força sexual.

---

Nua, com o corpo parcialmente coberto apenas por purpurina, sem nenhuma fala ou conexão com espectador além da sua imagem e entrando em chamadas de todos os horários, para os mais diversos públicos, a Globeleza consagra um espaço para a mulher negra na mídia.

Sobre este aspecto, Farias; Fernandes (2007, p. 7-8), acrescenta:

Os discursos racistas inserem-se na cultura brasileira com ares de “naturalidade” o que, num primeiro olhar, impede uma crítica sistemática. Com referência ao negro, é preciso estar atento ao fato de que a mídia constrói identidades virtuais (ou pseudo-identidades) a partir não só da negação e do recalcamento da identidade negra, como também um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições.

Assim, o surgimento da Globeleza representa apenas a mais nova versão da mulata sensual e sexual idealizada desde os primeiros momentos da mulher negra no Brasil, segundo Corrêa (1996, p. 40), a tecnologia utilizada para representar a personagem é tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas. Ainda sobre o nascimento do personagem Ribeiro; Ribeiro (2016) afirmam que a Mulata Globeleza não é um evento cultural natural, mas uma performance que invade o imaginário e as televisões brasileiras na época do Carnaval.

Programas como Fantástico e Caldeirão do Huck realizam quadros de competição entre mulheres negras para escolher a "musa do carnaval" ou a "nova globeleza", todas seminuas que tem como requisito o samba no pé, simpatia e beleza. Essa beleza reforça os padrões da mulata aceitável, já descrita por Corrêa (1996, p. 39-40), "além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável (...) a mulata é puro corpo, ou sexo, não "engendrado" socialmente".

Este espaço aberto a mulheres negras pode até parecer incluí-las, mas longe disso, ainda não abrem portas, por exemplo a moda, segundo Magoga (2015), "é uma engrenagem na grande máquina social responsável por muitas das vezes, perpetuar o racismo e a exclusão das pessoas negras através de seu apagamento em desfiles, editoriais e propagandas, assim como na área

---

de criação", resta apenas para essas pessoas o lugar de consumidor, aceitando os locais onde podem ser incluídos.

O que explica o surgimento e crescimento de enunciados como "*black is beautiful*", "*100% negro*", "*100% black*", "*cresto é lindo*". Por outro lado, sabemos que essa afirmação ainda é condicionada a um belo que esteja dentro do padrão, que ainda nos fala sobre uma mulata da cor do pecado, um corpo esculpido pela volúpia, numa liberdade sexual permitida pelo carnaval, pelo samba, e por fim, pela televisão, principalmente no período carnavalesco, já que à mulher negra, esse foi o local destinado.

Neste contexto, Sena (2014), afirma:

Se por um lado somos totalmente invisibilizadas por um padrão estético branco, por outro somos altamente sexualizadas, nos tornando produtos de consumo e importação. Da Tia Nastácia à Globeleza, somos bombardeadas com discursos que nos dizem para sermos passivas, calorosas, submissas, sensuais, mercadorias, enfim, para nos mantermos nos espaços destinados a nós desde a colonização.

Deste modo, fica explícito que a mídia continua determinando os locais ocupados pelas mulheres negras, evidenciando e propagando o padrão aceito pelo senso comum e social, segundo Bispo existem características que definiam o sucesso da dançarina negra na televisão, (2015, p. 257):

Para serem consideradas mulatas, as mulheres deveriam ter um tom de pele de cor marrom, mas com traços que as afastassem da mulher negra, ou seja, sem os narizes chatos, os lábios grossos e os cabelos frisados que costumam ser indicativos de negritude.

Em 2014, Nayara Justino foi eleita como Globeleza no programa Fantástico através do voto popular, e foi o exemplo do que Bispo (2015, p. 258) fala que "quanto mais se aproximavam dos traços faciais considerados europeus, mais eram vistas como mulatas e menos como negras, obtendo assim maior sucesso", quando foi alvo de piadas e críticas racistas na internet, logo após estrelar a vinheta. Mais uma vez reafirmando a ideologia do embranquecimento, mesmo nesses espaços de suposta visibilidade.

O texto de Mota (2016) conta algumas das ofensas sofridas por Nayara:

Pessoas reclamavam de uma negra na TV, comentavam que ela era bem mais negra que suas antecessoras (“classificadas”, também entre aspas, de mulatas); outros faziam comparações chulas, dizendo que ela parecia o Zé Pequeno, de Cidade de Deus; alguns ainda riam de Nayara, comparando seus seios naturais a “tetas de índia”.

Assim, em um processo lento, inconsciente e complexo, gostos e desejos simbólicos são construídos e impostos sobre o corpo dessa mulher ditando quando como e onde ela seria aceita, segundo Corrêa (1996, p. 40), tal estatuto simbólico, não era tão diferente de tantos outros discursos médicos, literários, e históricos onde as palavras-chave, utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro. Nesse ponto de vista, Beatriz (2014) afirma o que se entende por negra ideal como aquela que foi socialmente aceita porque é dotada de características fenotípicas em conformidade aos padrões eurocêntricos. É a preta alta, de lábio fino, nariz estreito, cabelo liso, rosto delgado e tom de pele claro; uma negra considerada exótica para os padrões vigentes.

Essa separação apenas nos mostra que até mesmo nesse espaço de suposta aceitação da mulher negra, o personagem da Globeleza esconde dentre tantas violências, uma das mais cruéis e simbólicas que perduram desde a escravidão e passa despercebida: a rejeição da negra preta, que segundo Corrêa (1996, p. 50), se torna tão explícita quando essa mulata, com características físicas restritas para ser aceita como a tal, é desenhada como o desejo do masculino branco.

No texto manifesto sobre a Mulata Globeleza este contexto, Ribeiro; Ribeiro (2016), ainda explicam que a mulher negra exposta como Globeleza segue, inclusive, um padrão de seleção estética próxima ao feito pelos senhores de engenho ao escolher as mulheres escravizadas que queriam perto de si. As escravas consideradas “bonitas” eram escolhidas para trabalhar na casa-grande. Da mesma forma, eram selecionadas as futuras vítimas de assédio, intimidação e estupro. Mulheres negras submetidas ao jugo “dos donos”. Era comum que as

---

escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem esses postos de serviço.

Ao trocar Nayara Justino que havia sido eleita através de voto popular por Erika Moura, atual Globeleza e a de pele mais clara de todas as modelos que já representaram a personagem, a Rede Globo reafirma os requisitos eurocêntricos de aceitação de uma mulher negra mesmo que essa só venha a ser exposta como objeto sexual, afinal o principal papel representado pela Globeleza é o da mulata tipo exportação, perdendo mais uma vez o direito sobre si mesma e sobre como é vista por terceiros.

Em 2017, após 27 anos, a Globeleza apareceu vestida na vinheta e desta vez dançando ritmos além de samba, como frevo, maracatu e bumba meu bui, segundo a emissora a mudança seria para incluir mais regionalidade na personagem.

Segundo Padiglione (2017), a divulgação da Globeleza 2017 durante o “Fantástico” motivou 10,5 mil postagens no Twitter. O termo “Globeleza” entrou 93 vezes nos TTs Brasil, ranking dos assuntos mais comentados da rede de microblogs, foi registrado no moments do Twitter e foi um dos assuntos mais pesquisados no Google.

No entanto, essa mudança não traz grandes avanços pois os avanços na nova roupagem da Globeleza traz à tona apenas o mesmo velho discurso da democracia racial, Oliveira (2017 apud Lima, 2017) esclarece:

Eu acho que na realidade ela não configura uma mudança. Colocar uma mulher negra, ainda dançando, exibindo o corpo, ainda está na mesma chave travestida de uma pseudo mudança. A meu ver, o problema não é só se ela estar de biquíni ou com pintura corporal, nua. A questão mesmo é o próprio estereótipo da mulher negra como um corpo hipersexualizado. O que deixa a desejar é que aquela personagem [da Globeleza] é que é o problema, na verdade.

Deste modo faz-se visível que os espaços construídos para esta mulher negra não representam grandes avanços, uma ação isolada que ainda não reflete na maneira como a emissora retrata a esta mulher em outros espaços em que continuam marcadas por papéis de subserviência e estereotipação negativa, segundo Ribeiro; Ribeiro (2016), é necessário



entender o porquê de se criticar lugares como o da Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento das mulheres negras a lugares específicos. Assim a mudança na Globeleza não representa nada mais que uma rebeldia e dita representatividade com data e hora para terminar.

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou de forma explicativa através de um contexto histórico e estudos sobre negritude, identidade e mídia trazer o debate sobre como estão sendo pautadas as imagens das mulheres negras em espaços midiáticos e o que essas representações dizem sobre essa mulher e como afetam suas vidas nos mais diversos campos.

Deste modo, partindo do entendimento do poder simbólico e estrutural que a televisão tem na formação de identidades, valores e conceitos dentro da sociedade brasileira, é preciso pensar em que momento a mulher negra passou a ocupar o espaço vazio de ser apenas um corpo nu, uma alegoria brilhante que completa um cenário de entretenimento para a população e como a naturalização desses espaços aprisionam essas mulheres num estigma ainda tão parecido com o da escravidão que tentamos deixar para trás com tanto afinco. Esse trabalho também tem como objetivo incitar de forma inicial e preliminar o debate sobre quais são os discursos usados para falar sobre o empoderamento estético da mulher negra, em quem e quem se apoiam.

### **REFERÊNCIAS**

- BARBOSA, Erly Guedes. SILVA, Silvano A. B. **Mulheres Invisíveis: A Imagem Da Mulher Negra No Jornalismo de Revista Feminino Brasileiro**. CAMBIASSU – Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 2176 - 5111 São Luís - MA, Jan/Dez de 2009 Ano XIX - Nº 5 - Vol. I. p. 48 - 68 Disponível em: [http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2009/silvano.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/silvano.pdf) Acesso em: 20/04/2017
- BEATRIZ, Amanda. **O padrão da beleza negra ideal**. Blogueiras Negras, Brasil. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/10/o-padrão-de-beleza-negra-ideal/> Acesso: 25/07/2017
- BISPO, Raphael. **Vivendo do Rebolado: Feminilidades, corpos e erotismos no show business brasileiro**. Mana vol.21 no.2 Rio de Janeiro Ago. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000200237](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200237) Acesso: 10/05/2017

---

CORRÊA, Mariza. **Sobre a Invenção da Mulata**. Cadernos Pagu (6-7), Campinas-SP, Núcleo de Estudos do Gênero- Pagu/Unicamp, 1996, pp.35-50. Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51069](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51069) Acesso: 13/04/2017

FARIAS, Maria Cristina; FERNANDES, Danúbia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira: uma construção negativa**. In "XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação". Anais eletrônicos do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. Santos – SP. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0667-1.pdf> Acesso: 20/07/2017

KRASNIEVICZ, L.; AITA P. A. (2009). Domingo (nada) Legal: mapeamento do sensacionalismo em programas de auditório. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2 – Edição 2 – Dezembro de 2008/Febrero de 2009, São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35361>

LIMA, Juliana Domingos. **A ‘Globeleza’ está vestida. O que isso significa para a representatividade das mulheres negras**. Nexos Jornal, Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/09/A-%E2%80%98Globeleza%E2%80%99-est%C3%A1-vestida.-O-que-isso-significa-para-a-representatividade-das-mulheres-negras> Acesso: 29/07/2017

MAGOGA, Marco. **É hora de ouvir a voz do negro na Moda**. A Coisa Toda, Brasil. 2015. Disponível em: <http://acoisatoda.com/2015/11/20/e-hora-de-ouvir-a-voz-do-negro-na-moda/> Acesso: 28/07/2017

MONIQUE, Lorena. **Mulheres Negras: O que a mulata Globeleza tem a nos ensinar**. HuffPost Brasil, 2016. Disponível em: [http://www.huffpostbrasil.com/lorena-monique/mulheres-negras-o-que-a-mulata-globeleza-tem-a-nos-ensinar\\_a\\_21701129/](http://www.huffpostbrasil.com/lorena-monique/mulheres-negras-o-que-a-mulata-globeleza-tem-a-nos-ensinar_a_21701129/) Acesso em: 22/07/2017

MOTA, Gabriel. **Quando uma Globeleza sofre racismo no Carnaval**. A Gambiarra, Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.agambiarra.com/racismo-no-carnaval/> Acesso: 17/06/2017

SANTOS, Francijane Lima; SILVA, Márcia Ramos. **A representatividade da mulher negra nas telenovelas brasileiras: um espaço em construção**. In "XIII Encontro Estadual de História". Anais eletrônicos do XIII Encontro Estadual de História. 2016. Guarabira - PB. Disponível em: [http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textosST%2016%20-%20Francijane%20Lima%20dos%20Santos%20e%20Marcia%20Ramos%20da%20Silva%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textosST%2016%20-%20Francijane%20Lima%20dos%20Santos%20e%20Marcia%20Ramos%20da%20Silva%20TC.PDF) Acesso em: 15/07/2017

PADIGLIONE, Cristina. **Globo veste Globeleza pela primeira vez e valoriza folia regional**. TelePadi, Brasil. 2017. Disponível em: <https://telepadi.com.br/globo-veste-globeleza-pela-primeira-vez-em-27-anos/> Acesso: 29/07/2017

---

Pinho, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação.** Cad. Pagu, Dez 2004, no.23, p.89-119. ISSN 0104-8333 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200004) Acesso: 23/03/2017

RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie. A Mulata Globeleza: um manifesto. Agora é que são elas/ Folha de S. Paulo. Brasil. 2016 Disponível em: <http://agoraequesoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/01/29/a-mulata-globeleza-um-manifesto/> Acesso: 23/07/2017

Secretaria Especial de Comunicação Social – SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia.** 2016. Disponível em: [http://pesquisademidia.gov.br/?utm\\_term=Informe+Semanal+-+Edicao+no+287+-+06.01.2017&utm\\_campaign=LISTA+GLOBAL&utm\\_source=e-goi&utm\\_medium=email&eg\\_sub=626a9a8fe4&eg\\_cam=e2dc0b091f6057705ff9b4c43a45c57c&eg\\_list=13#/Televisão](http://pesquisademidia.gov.br/?utm_term=Informe+Semanal+-+Edicao+no+287+-+06.01.2017&utm_campaign=LISTA+GLOBAL&utm_source=e-goi&utm_medium=email&eg_sub=626a9a8fe4&eg_cam=e2dc0b091f6057705ff9b4c43a45c57c&eg_list=13#/Televisão) Acesso: 21/07/2017

SENA, Isabela. **Da Tia Nastácia à Globeleza.** Blogueiras Negras, Brasil. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/06/23/da-tia-nastacia-a-globeleza/> Acesso em: 22/06/2017